

OLHO POR OLHO

Robert Muchamore

Tradução de Miguel Marques da Silva



 Porto
Editora

O que é a CHERUB?

A CHERUB é uma agência que pertence aos Serviços Secretos Britânicos. Os seus agentes têm entre dez e dezassete anos. Todos os querubins são órfãos recrutados de lares de acolhimento e treinados para trabalharem como agentes secretos. Vivem no *campus* da CHERUB, cujas instalações secretas se localizam num lugar escondido, algures numa região rural de Inglaterra.

O que fazem estes miúdos?

Muito. Ninguém imagina que uma criança possa realizar missões secretas, o que significa que podem fazer muitas coisas sem que desconfiem delas, ao contrário dos adultos.

Quem são?

Vivem cerca de trezentas crianças no *campus* da CHERUB. **James Adams** é o nosso herói, com catorze anos. É já um agente respeitado da CHERUB, com várias missões cumpridas com grande sucesso. **Kerry Chang**, uma campeã de *karaté* nascida em Hong Kong, é a namorada de James. Outros

amigos chegados incluem **Bruce Norris**, **Shakeel Dajani** e **Kyle Blueman**.

A irmã de James, **Lauren Adams**, só tem onze anos, mas já é considerada uma das melhores agentes da CHERUB. No *campus* é inseparável da sua melhor amiga, **Bethany Parker**. Também é muito chegada a **Greg “Rato” Rathbone**, que foi recrutado pela CHERUB depois de se ter envolvido na última missão de James e Lauren.

O pessoal da CHERUB

Por causa da extensão do *campus*, das instalações de treino especializado e do seu papel combinado de escola interna e operação secreta, a CHERUB tem mais funcionários do que alunos, desde cozinheiros e jardineiros a professores, instrutores de treino, enfermeiras, psiquiatras e especialistas de missão. A CHERUB é dirigida pelo seu diretor, Dr. Terence McAfferty, mais conhecido como Mac.

E as *t-shirts*?

Os querubins estão divididos por escalões, de acordo com a cor da *t-shirt* que usam no *campus*. As **cor de laranja** são para os visitantes. As **vermelhas**, para as crianças que vivem no *campus*, mas que são demasiado novas para serem agentes (a idade mínima é dez anos). As *t-shirts* **azuis** são para quem faz a difícil recruta de cem dias. Quem está apto para realizar

missões usa uma **cinzenta**. As **azuis-escuras**, como a que James usa, são uma recompensa por um desempenho excepcional numa missão. Lauren usa uma *t-shirt* **preta**, o mais elevado prémio para um desempenho notável ao longo de várias missões. Quando os querubins se reformam, recebem uma *t-shirt* **branca**, igual à que é usada pelo pessoal do *campus*.

1. Manhã

Andy Pierce sentia-se mesmo bem na cama. Tinha a colcha subida até ao queixo, os músculos relaxados e a almofada quente aconchegada debaixo da cabeça. Mas o rasgo de luz de sol que entrava pelo meio das cortinas atormentava-o.

O rapaz de catorze anos não tinha coragem de levantar a cabeça e olhar para o despertador, mas sabia que tinha de se levantar. Em menos de uma hora teria os cotovelos apoiados numa carteira e uma gravata à volta do pescoço para dar início ao pesadelo que era a manhã de segunda-feira: Inglês, Francês e Teatro. Hoje ia ser ainda pior do que o costume, porque ia ouvir por não ter feito o trabalho de casa sobre *Macbeth*.

Já estava a imaginar o olhar de reprovação que o Prof. Walker lhe iria deitar quando a porta do seu quarto se abriu.

– Já te chamei três vezes – gritou a mãe de Andy ao atravessar o quarto na direção da janela.

Christine Pierce parecia um anjo carrancudo: vestida para o trabalho com um polo branco, calças brancas e sapatilhas de pano brancas.

– Há torradas na mesa lá em baixo. Já devem estar frias.

Uma explosão de luz encheu o quarto quando Christine afastou as cortinas e a seguir puxou para trás a colcha que tapava o seu filho mais velho.

– Mãe! – protestou Andy, enquanto protegia os olhos com uma mão e tapava as partes íntimas com a outra.

– Oh, deixa-te disso – riu-se Christine, com uma palmada brincalhona no tornozelo do filho. – Não tens aí nada que eu não tenha visto já umas mil vezes. – Torceu o nariz ao cheirar a colcha que tinha nos braços. – Quando foi a última vez que mudaste a roupa da cama?

Andy encolheu os ombros enquanto se sentava na cama e agarrava um par de *boxers* lavados que tinha posto de lado na noite anterior.

– Não sei... Na semana passada, acho eu.

– Muda a roupa da cama. As fronhas das almofadas estão amarelas e nem quero pensar no cheiro.

– Não está assim *tão* mau.

Andy viu os lábios da mãe a estreitarem-se enquanto vestia uma das mangas da camisa do uniforme escolar. Lábios apertados eram um sinal para ter cuidado: ela estava à beira de um ataque termonuclear.

– Quando eu chegar do trabalho esta noite, quero ver estes lençóis *nojentos* lavados e pendurados no estendal das traseiras. E já agora podes mudar a cama do teu irmão também.

– O *quê?* – exclamou Andy. – Porque é que eu tenho de mudar a cama do Stuart?

Andy recuou perante o dedo da mãe estendido na direção do seu nariz.

– Tu dizes que já tens idade para chegar a casa do cinema com os teus amigos às onze e um quarto da noite. Pelas minhas contas, isso quer dizer que também tens idade

suficiente para aceitesares mais responsabilidade pelas coisas da casa. Isto não é um hotel e eu sou a tua mãe, não sou a tua criada.

– Sim, Sua Majestade – disse Andy, amuado.

Christine olhou para o relógio e falou num tom mais brando enquanto saía do quarto.

– Tenho de me apressar. Sabes, a minha vida ficava muito mais fácil se eu tivesse um *bocadinho* mais de ajuda.

Andy já tinha ouvido esta chantagem emocional antes e não ia na cantiga.

– E dinheiro para o almoço? – perguntou, enquanto atirava as duas pernas para o ar e vestia as calças pretas do uniforme.

– Tens dinheiro para o autocarro no balcão da cozinha e uma sande de presunto, tomate e mostarda no frigorífico.

– Não posso comprar o meu almoço?

– Não comeces com essa história outra vez. Sabes que eu não posso dispensar trinta libras todas as semanas só para tu e o Stuart gastarem em porcarias.

Andy estalou a língua.

– Toda a gente vai almoçar à loja do outro lado da rua. As sandes dão tão mau aspeto.

– Queixa-te ao teu pai. A mulher dele anda de um lado para o outro num *Focus* novo, enquanto eu já estou no limite em três cartões de crédito.

Esta chantagem emocional funcionou melhor. Andy já se tinha apercebido que o pai era um perfeito canalha. A mãe

tinha de fazer montes de horas extraordinárias só para manter as contas em dia.

– Devo chegar a casa por volta das sete – disse Christine, inclinando-se para beijar o filho na cara. – E não estava a brincar acerca de mudares as camas.

Depois de deixar uma mancha de batom na cara do filho, saiu do quarto e desceu as escadas. O adolescente seguiu-a menos de um minuto depois, a enfiar o cinto nas calças enquanto caminhava.

Stuart estava na cozinha e irritou o irmão mais velho por estar limpo e apumado como de costume. O rapaz de onze anos tinha o cabelo penteado, casaco e gravata vestidos e o Bugs Bunny aos berros na televisão da cozinha. Os dois rapazes trocaram grunhidos enquanto Andy agarrava uma torrada.

– A mamã anda stressada – criticou Stuart. – Precisas de estar sempre a pegar com ela?

Andy não se orgulhava da maneira como andava sempre a discutir com a mãe, mas não fazia de propósito. Era algo que acontecia, fazia parte da adolescência ou algo assim. Independentemente dos seus verdadeiros sentimentos, Andy não ia dar ao irmão mais novo a satisfação de uma resposta direta.

– Porque não te metes na tua vida?

Stuart bufou por entre os dentes.

– És tão egoísta.

– Vai-te lixar.

– Não *comecem*, vocês os dois – gritou Christine do corredor. Tinha uma carteira pendurada no ombro e as chaves do carro na mão, pronta para sair. – Só têm dez minutos, ou vão

chegar atrasados à escola. Não se esqueçam de trancar a porta da frente depois de saírem.

Andy assentiu com a cabeça.

– Até logo, mãe. Bom dia de trabalho.

– É pouco provável – respondeu ela, desanimada.

Andy esperou que a porta da frente se fechasse antes de olhar zangado para o irmão.

– Andas a pedir um murro nessa boca linguaruda.

Antes que Stuart conseguisse lembrar-se de uma resposta que fosse má o suficiente para o manter na discussão, mas não ao ponto de lhe valer um braço dorido, ouviu-se um grito vindo da frente da casa.

Só podia ser a mãe deles, e não era um grito do tipo “Vi uma aranha” ou da maneira como gritava com o pai deles quando estavam a divorciar-se. Vinha de dentro, como se estivesse a sentir uma dor intensa.

Os dois rapazes saltaram das cadeiras da cozinha e dispararam pelo corredor na direção da porta da frente.

Quando Andy chegou à porta, viu um homem com uma máscara de esqui a partir o vidro da frente do carro de Christine com uma marreta. Christine contorcia-se no chão, a gritar e a cuspir. A cara e as mãos brilhavam com tinta vermelha que lhe tinham atirado à cara.

O homem partiu mais dois vidros do lado do carro, mas Andy fitou o seu cúmplice, um tipo entroncado debruçado sobre a sua mãe. Vestia calças de tropa, uma máscara de esqui preta e tinha todo o ar de quem se preparava para dar um pontapé. Andy nem sequer estava calçado, mas não podia ficar parado enquanto alguém atacava a sua mãe.

– Estás morto – gritou Andy ao cair em cima do homem.

Apesar de ser entroncado, o adolescente não estava à altura de enfrentar um adulto. O homem de máscara agarrou-o pelo pescoço e acertou-lhe um soco com a mão enluvada em cheio na cara.

– O assassino não sou eu – rosnou o tipo, enquanto o nariz de Andy explodia de dor.

Andy caiu para trás, sobre uma sebe, antes de uma bota enorme lhe acertar na barriga e o empurrar para dentro dos ramos emaranhados. Enquanto Andy limpava o nariz a sangrar à manga da camisa branca, os dois homens de máscara correram na direção de um velho Citroën estacionado do outro lado da rua.

O carro pequeno pôs-se em fuga e Andy sentiu o desespero mais profundo de toda a sua vida. Mais do que a dor no nariz, ou a preocupação com a sua mãe, era um sentimento de completa impotência: tinha deixado fugir os dois marginais que tinham atacado a sua mãe e não fora capaz de os impedir porque era apenas um miúdo. Conseguia ouvir os gemidos da mãe enquanto se libertava dos ramos da sebe e se punha de pé.

– Não vejo nada – chorava Christine.

Stuart estava espocado à porta de casa, branco como a cal.

– Não fiques aí parado, seu palerma – gritou Andy tropeçando na direção da mãe. – Vai para dentro e chama o raio da ambulância.

Enquanto Stuart se recompunha e corria para o telefone, Andy reparou que tinham pintado um nó de força na porta da garagem, junto com uma mensagem:

DEIXA O EMPREGO NO LABORATÓRIO
DA PRÓXIMA VEZ MORRES
MILÍCIA DE LIBERTAÇÃO ANIMAL

2. Barro

“Os médicos temem que a mulher de trinta e seis anos tenha sofrido danos permanentes na visão. Este é o último de uma série de ataques cada vez mais violentos da Milícia de Libertação Animal. A polícia de Avon declarou que está a fazer tudo ao seu alcance para proteger os funcionários da Malarek Research, mas, com mais de duzentos trabalhadores no laboratório, os meios policiais estão no limite...”

As notícias passavam num ecrã pendurado na parede ao lado da cabeça de James Adams, mas este não estava a ouvir. Estava no refeitório do *campus* da CHERUB e os amigos que não estavam fora em missão sentavam-se à volta da mesa habitual: Kerry, Bruce, Callum, Connor e Shak.

Já tinham passado alguns minutos desde que Bruce se tinha espalhado ao comprido e despejado um tabuleiro de macarrão e Seven Up por cima de uma rapariga sentada duas mesas mais abaixo, mas todos continuavam a dar-lhe tanga.

James tinha um monte de ossos de frango no prato à sua frente. A cintura das calças de ganga apertava-lhe a barriga inchada, pelo que se contentava em ficar sentado e deixar a conversa passar-lhe ao lado. Kerry também já tinha acabado de comer e estirou-se na sua cadeira, descalçou as sandálias e pousou os pés no colo de James.

Podia ter pousado os pés numa das cadeiras vazias da mesa ao lado, mas não o fez, e James gostou do gesto afetuoso. Queria dizer que Kerry estava bem-disposta e, com sorte, a seguir, subiriam para os quartos, onde trocariam uns beijos e fariam os trabalhos de casa, assim que a comida assentasse.

Shak estava sentado à direita de James e olhou de relance para os pés de Kerry.

– Os teus pés são mesmo pequenos, Kerry. Quanto é que calças?

– Trinta e quatro.

Shak assentiu.

– Eu descobri noutra dia porque é que as mulheres têm os pés mais pequenos do que os homens.

– Em média, as mulheres são mais pequenas do que os homens em todo o corpo – disse Kerry, com um ar confuso.

– Quem é que quer saber porque é que as mulheres têm os pés mais pequenos do que os homens? – perguntou Shak, com um sorriso rasgado.

Os miúdos à volta da mesa pareciam pouco entusiasmados.

– Vai ser mais uma das tuas piadas idiotas? – perguntou Bruce.

– As minhas piadas são de *primeira* – riu-se Shak.

Com exceção de Shak, todos resmungaram ou abanaram a cabeça.

– Se tu o dizes – disse Callum, falando por todos.

– Na boa, se não querem ouvir...

Bruce estalou a língua.

– Conta lá o raio da piada, Shak, senão nunca mais te calas. Porque é que as mulheres têm os pés mais pequenos do que os homens?

O sorriso de Shak abriu-se de orelha a orelha.

– Para ficarem mais perto da banca enquanto lavam a loiça.

A piada era tão má como todos esperavam que fosse, mas foi recebida com risadas porque os rapazes já estavam animados. James ainda sorriu antes de reparar no olhar gélido de Kerry.

– Seus parvalhões machistas – cuspiu Kerry, ao mesmo tempo que tirava os pés do colo de James e se levantava à frente dele com as mãos nas ancas.

– Ei, não fui *eu* quem contou a anedota – disse James, com as mãos erguidas defensivamente.

– Mas riste-te – disse Kerry, zangada, e a seguir ouviu-se um estalo sonoro quando ela deu uma bofetada na cara de James.

– Credo, Kerry – disse James, levantando os braços para a impedir de lhe assentar outra. – Não é preciso exagerar!

– É bom que tirem todos esses sorrisos parvos da cara – avisou Kerry, disparando olhares assassinos aos outros rapazes sentados à mesa. A seguir fitou Shak. – Achas que as piadas sexistas têm muita piada? Como é que te sentirias se eu comesse a contar piadas sobre paquistaneses?

Instalou-se um silêncio tenso enquanto Kerry pegava no seu tabuleiro e se afastava, furiosa. James só tocava de leve na marca vermelha a latejar-lhe na cara.

Callum e Bruce partiram-se a rir mal ela desapareceu de vista.

– Ouviram bem aquele estalo? – gritou Callum.

– Foi muita *maaaaau* – disse Bruce, e bateu exuberantemente com a mão na mesa.

James fitou Shak, aborrecido.

– Obrigado por chateares a minha namorada.

– Não há beijinhos para o Sr. Adams hoje – riu-se Callum.

Todos os rapazes se riram às custas de James.

– Não entendo porque é que estão tão contentes – disse James. – Por onde andam as vossas namoradas?... Esperem, já me lembro. Mais ninguém neste bando de falhados tem namorada.

– Eu tenho a Naira – disse Callum.

Bruce riu-se.

– Deram uns beijos e ela saiu em missão há seis meses.

– Conta na mesma – disse Callum, com um olhar zangado para Bruce. – Ela manda-me *e-mails* quase todos os dias. Quem é que tu já beijaste?

– Eu já beijei raparigas.

– Quem, por exemplo? – riu-se James.

– Aqui não – disse Bruce. – Em missões e assim.

Todos resmungaram e ninguém acreditou nele: Bruce era tímido com as raparigas.

– Ele dá uns beijos ao ursinho azul que dorme sempre com ele – riu-se Shak.

– Vai-te lixar – disse Bruce, zangado. – E eu não durmo com o Jeremy. Ele caiu da estante para cima da cama uma vez e o Kyle contou a toda a gente.

– Que raio de nome para um ursinho é Jeremy? – riu-se James.

– Pois é – assentiu Connor. – Se é para andar aos beijos com um ursinho, pelo menos que tenha nome de rapariga.

Bruce pôs-se de pé, furioso, e fitou Connor.

– Queres tentar dizer isso daqui a cinco segundos, depois de eu te partir os dentes?

James empurrou a sua cadeira para trás e sorriu para os seus amigos enquanto se levantava.

– Meninas, deixo-vos a discutir as vossas mariquices. Quero estar no meu quarto quando a Kerry vier bater-me à porta.

– Achas? – disse Shak. – Isso vai mesmo acontecer, depois do estalo que te deu.

– Mas eu tenho um trunfo na manga – riu-se James. – A Menina Perfeita tem negativa a Álgebra. Ela precisa do meu cérebro fabuloso para lhe explicar quanto é x e y .

Connor estalou a língua.

– És um sortudo, James. Safas-te sempre com as miúdas.

James pôs um ar convencido antes de se afastar.

– O que querem que diga? As miúdas não conseguem resistir-me; são como barro nas minhas mãos.

*

James subiu até ao seu quarto, passou por cima da roupa suja e sentou-se na cama larga a ler um exemplar de *Grandes Esperanças* que o professor de inglês lhe tinha imposto. Já deveria ter atingido as duzentas e cinquenta páginas, mas estava

entalado nas setenta e poucas e não conseguia concentrar-se porque estava à espera que Kerry lhe batesse à porta a qualquer instante.

Mas começou a ter as suas dúvidas por volta da página 106, quando finalmente alguém bateu à porta, três vezes.

– Lauren? – gritou James, enquanto o cabelo comprido e loiro da irmã aparecia pela porta.

– Ah! – riu-se Lauren, a apontar para James ao entrar no quarto. – Tens a cara toda vermelha. A Kerry disse que te tinha dado um estalo dos bons.

James pôs o marcador na página que estava a ler e sentou-se direito.

– Viste a Kerry? Ela vem ter aqui?

– Duvido – disse Lauren. – Esteve agora mesmo no meu quarto para eu a ajudar com os trabalhos de casa de Matemática.

– Sua traidora – exclamou James. – Porque é que fizeste isso? Eu sou muito melhor a Matemática do que tu.

– Ela está mesmo chateada contigo, James. E eu posso não ser tão boa a Matemática como tu, mas também tenho boas notas e vou mais avançada do que a Kerry. Seja como for, é bem feito, ninguém te mandou contar piadas sexistas.

– O Shak é que contou a piada, eu mal me ri.

– Não importa – disse Lauren com um encolher de ombros. – Tu e a Kerry são uns exagerados. Amanhã vão estar os dois outra vez aos beijos e aos abraços.

– Então vieste aqui só para te rires de eu ter levado um estalo?

Lauren sorriu.

– Por acaso vim pedir-te um favor.

– Cheira-me a problemas.

Lauren sentou-se na beira da cama.

– Conheces a Kirsten McVicar?

James abanou a cabeça.

– É claro que conheces, James. Esteve na minha festa de anos. É amiga da Bethany, mas é um ano mais nova. Tinha vestido umas meias pretas com pintas verdes?

– Não estou a ver – disse James. – As tuas amigas têm todas a mesma conversa e vocês passam a vida a trocar de roupa. Mas o que é que se passa?

– A Kirsten desistiu da recruta na semana passada. E sabes que o irmão da Bethany, o Jake, também está a fazer a recruta, não sabes?

James assentiu.

– Como é que o rapaz está a safar-se?

– A Kirsten disse que o Jake está a ter dificuldades. Ele fez dez anos há pouco tempo. Torceu o polegar, não é muito grande para a sua idade e está a custar-lhe carregar a mochila durante as corridas e isso tudo.

– É pena – disse James. – Espero que o Jake não desista. Às vezes é um bocado convencido, mas...

– Olha o roto a falar do nu – interrompeu Lauren. – Seja como for, eu e a Bethany pensámos num plano para ajudar o Jake. Queremos levar-lhe algumas coisas para o ajudar. Tu sabes, barras de chocolate para dar energia, roupa interior e botas secas, uma faixa acolchoada para lhe custar menos carregar a mochila.

James pôs um ar chocado.

– Lauren, não podes entrar no recinto de recruta como quem dá um passeio. Os portões têm alarme e há arame farpado e câmaras de vigilância por todo o lado.

– Eu e a Bethany temos tudo planeado, mas dava-nos jeito se alguém mais velho viesse connosco.

– Não, não, *não!* – riu-se James. – Não olhes para mim. Se formos apanhados ficamos em sarilhos, dos grandes. O Jake é um miúdo fixe, mas vai ter de passar pela recruta, como todos nós.

– *Por favor*, James.

– Além disso, qual é o teu interesse nisto? Eu entendo que a Bethany queira arriscar o pescoço dela por causa do irmão, mas tu? Nunca te ouvi dizer bem do Jake. Até lhe bateste daquela vez que ele entupiu a tua sanita com pipocas.

– A Bethany é a minha melhor amiga. Faça-o por ela.

– Espera lá – exclamou James, com uma expressão de súbita compreensão no rosto. – Tu não estás a fazer isto por causa do Jake. O teu namoradito também está a fazer a recruta, não está? Tu estás a fazer isto por causa do Rato.

– Não – exclamou Lauren. – Isto é, o Rato é o parceiro de treino do Jake. Mas *não* é o meu namorado.

– Olha, Lauren, eu sei que tu gostas do Rato, mas eu estou numa boa situação agora. Tenho os trabalhos de casa em dia e não estou a tirar más notas. Devo ter passado milhares de horas de castigo a dar voltas à pista de atletismo e a esfregar sanitas desde que entrei para a CHERUB. Agora só arrisco o meu pescoço por alguém se for uma questão de vida ou de morte.

– Pensei que pudesses dizer isso – disse Lauren, sorridente.
– Por isso tenho de cobrar o favor.

– Que favor? Eu não te devo nada.

James sentiu o coração a parar quando viu o sorriso malévolo de Lauren. A cara dela tinha mudado muito desde o tempo em que era uma garota, mas aquela expressão não tinha mudado nada. Era a mesma que ela punha antes de enfiar um gelado na cara de alguém. Era a expressão que ela tinha quando estragou o vídeo e disse à mãe que tinha visto James a estragá-lo...

– Lembras-te do ano passado, quando estivemos em Idaho? – disse Lauren num tom casual. – Lembras-te de enganar a Kerry com uma miúda chamada Becky?

James assentiu, carrancudo.

– Eu nunca disse nada a ninguém, mas essa informação podia escapar *a qualquer altura*, entendes, e a Kerry matava-te. Eu só peço um pequeno favor, em troca do meu silêncio eterno.

– Tu *o quê?* – gritou James. – Isso não é pedir um favor, isso é chantagem.

– Suponho que *podíamos* chamar-lhe isso – riu-se Lauren.
– Mas, James, tu gostas do Rato, e gostas do Jake. Qual é o problema?

– És capaz de descer ao ponto de chantagear o teu irmão?
– perguntou James, indignado.

Lauren esquivou-se à pergunta.

– James, eu e a Bethany temos tudo planeado. Não há perigo de sermos apanhados.

– Sabes que mais? – disse James, tentando soar confiante.
– Eu não vou ceder à tua chantagem. A cena com a Becky aconteceu há mais de um ano e a Kerry sabe que eu não sou nenhum anjo. Ela vai entender.

Lauren sorriu ao dirigir-se para a porta.

– Muito bem, então vou contar tudo à Kerry agora mesmo.

James manteve-se calmo enquanto Lauren saía para o corredor e virava na direção do quarto de Kerry, mas depois não conseguiu continuar a fingir e saiu a correr atrás dela.

O quarto de Kerry ficava a menos de vinte metros e Lauren estava prestes a bater à porta quando ele lá chegou.

– Está bem, ganhaste – sussurrou amargamente.

Lauren sorriu, satisfeita.

– Era o que eu estava à espera.

– Mas não podes continuar a chantagear-me – bufou James. – Tens de jurar pela alma da nossa mãe que nunca vais contar a ninguém.

– É justo – assentiu Lauren. A seguir sorriu de orelha a orelha e abraçou o irmão. – Obrigado, James.

James estava demasiado chateado para lhe devolver o abraço, mas não podia deixar de admirar a lata dela. Então a porta do quarto de Kerry abriu-se.

– Bem me pareceu que estava a ouvir as vossas vozes – disse Kerry. – O que se passa aqui?

– Nada – disse James, de forma pouco convincente.

Lauren sorriu para Kerry.

– Eu disse a este idiota que viesse pedir-te desculpas.

James sentiu-se aliviado ao ver que Kerry estava a sorrir.

– Acho que exagerei um bocado – disse Kerry.

James encolheu os ombros.

– Desculpa por me ter rido da piada.

– Não é grave – disse Kerry ao dar um passo em frente e beijar James na cara. – Não disseste antes que estavas atrasado na leitura do *Grandes Esperanças*?

– Página cento e doze – assentiu James.

– Vais mais avançado do que eu – disse Kerry. – Eu nunca vou conseguir acabar a tempo, por isso trouxe o filme da biblioteca. Queres entrar e vê-lo comigo?

– És a minha salvação – riu-se James ao entrar para o quarto de Kerry. A seguir olhou para Lauren. – Vemo-nos mais tarde, mana.

– Eu mando-te uma mensagem com os detalhes – disse Lauren. – *Não* te atrases.

– O que está ela a planear? – perguntou Kerry com um ar confuso.

James aproximou-se para voltar a beijar Kerry.

– Não te preocupes com isso – disse, sorridente, enquanto lhe passava um braço pelas costas e fechava a porta com a sapatilha.